

Carlos Neves Carvalho
Fevereiro '96

Há no tronco de árvore madura o perfil de um rosto humano.

Cicatiz ou fóssil. Persistente grito ou nó, onde o ramo decepado sangrou a cristalina seiva. Resina moldada pelo eco no silêncio mais puro. Talvez algum deus. Se tanto silêncio atravessou o bosque e desceu pelas raízes ao barro. Fogo intenso crivou a seara de papoilas _ minúsculos rostos, uníssono cântico que temperou a brisa.

Com Paulo Neves descobrimos também no mármore ou no ferro, ou ainda em materiais de síntese, a plasticidade da voz e sua ausência no mesmo rumor cósmico. Por isso, cada escultura é uma palavra nova, um novo rosto, o nascimento de um novo irmão tão antigo.

Solidão povoada, cada vez mais densa, a obra do escultor eterniza-se no diálogo fraterno entre a matéria e o homem, o sagrado e o divino. Diálogo ou maiêutica, rebelde e panteísta.